

## O DIÁRIO DE UM EDUCADOR: UM ESTUDO REFLEXIVO

Amanda Paiva Rodrigues, FEESU-UNIPAC  
[anrodrigues03@live.com](mailto:anrodrigues03@live.com)

Emanuelly Gonçalves de Lima, FEESU-UNIPAC  
[emanuely.19@hotmail.com](mailto:emanuely.19@hotmail.com),

Orientador: Mauricio dos Reis Brásão

Fomos motivados a escrever essa produção devido a dúvidas e reflexões surgidas durante os estudos do livro “Diário de um Educador” de Celso Antunes, na disciplina de Fundamentos e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, no primeiro semestre de 2017. E, a pergunta que move o trabalho se baseia em: quem é o estranho chamado professor?

Segundo o autor, o professor deve ser alguém capaz de ensinar algo com fundamentos. Um indivíduo experiente que assume o papel de mentor, um norte para os demais. Um mediador que assinala os caminhos para o conhecimento. Muitas são as definições para o que se chama de professor. Alguns acreditam ser a profissão dos sonhos, propulsora da sociedade, mãe de todas as profissões. Para outros, nem tanto. Mas o que é, de fato, ser professor? Uma questão que nos chamou muita atenção.

Composto por diversas temáticas referentes à educação, o livro traz à luz, situações verídicas e hipotéticas abordadas sob o ponto de vista de um professor com anos de experiência em sala. O que se precisa ensinar; como fazê-lo; quais os papéis que o professor vê-se assumindo, ética profissional, a importância do comum acordo entre alunos e professores; entre outras coisas assumidas em pauta. Entre as discussões, algumas, merecem destaque. “Um estudo de caso”, “Alienação”, “Conversando com crianças sobre sexo”, “Aprendendo com as perdas”, “Como transformar a aprendizagem mecânica em aprendizagem significativa” e outras.

No capítulo 2, “Um estudo de caso” o autor revela a existência de quatro “Es” norteadores do ensino: “escutar, exemplificar, elogiar e ensinar”. Nas palavras do autor, todos eles dependem um do outro para o desenvolver do aprendizado. Assim, Escutar, para ele, “significa ouvir com atenção, ter interesse no educando”. “O “E” de elogiar implica em “reassegurar ao educando em seu aprendizado”. Dar-lhe os créditos quando merecidos e mesmo incentivá-los a continuar. Ensinar, por sua vez, “implica na construção de valores, no ensino das regras sociais, familiares, escolares”, entre outros. Exemplificar quer dizer “ser um norte e dar exemplos”. “Não entendeu? Vamos à prática”.

Exemplificando, um professor trabalha dois períodos todos os dias. Teve problemas em casa que lhe acompanharam até o trabalho. Ao final da semana já está cansado. O tema da aula do dia é a “Justa Medida” de Aristóteles. Durante toda a aula discorre-se e prolonga-se sobre a importância do equilíbrio sem muito interesse. Ao término da explicação sugere-se um trabalho que deveria basear-se na aula do dia. Um aluno, que até então estivera ora “rabiscando” no caderno, ora “esparramado” sobre a carteira, estende a mão e indaga: “Professor, de onde que é pra copiar? Não entendi nada do que você disse”.

A resposta do professor, nessa situação é de surpresa. Em nenhum momento no decorrer da aula lhe ocorreu o uso de exemplos que se relacionassem à vida de seus alunos. Interessou cobrar ao aluno o que não lhe interessou demonstrar. Seu pouco interesse em ensinar provocou o pouco interesse em aprender e é claro, quem de “justa medida” falou, mas que, “nem perto dela chegou”. E se ele mesmo pouco aprendeu, nada

também ensinou, assim compreendemos. Uma das frases mais impactantes do capítulo fala justamente sobre o tema: “*Cobrar o uso de regras é relativamente fácil; explicá-las é muito mais difícil, mas quem não ensina não tem o direito de cobrar e, quanto melhor se ensina, menor a necessidade de cobrança.*” (p. 15)

O capítulo 6 retrata um diálogo entre um estudante e um adulto, cujo o teor desse diálogo é o como anda seu ensino médio, como está sendo abordado os conteúdos escolares. As respostas obtidas levam a conclusão que o estudante está inserido em um ensino sem contextualização alguma, o que torna uma aula e estudo monótonos e cansativos, o que acarreta no desinteresse por parte do estudante. “*Nosso professor de literatura empacou no parnasianismo e se recusou a discutir temas atuais, dizendo que o tempo corre e que não podemos perder aulas com questões da atualidade*” (pag.32).

O autor posiciona-se na contextualização e no ensino de discussão de temas atuais – como sendo essenciais para a absorção do conteúdo por parte do aluno. Não se limitando apenas em estudar o que se encontra nos livros didáticos; mas incitando discussões, mostrando a relação da matéria com o dia a dia.

Outro ponto que o autor discute é a alienação dos professores, um ponto negativo e muito prejudicial para a educação, o que nos abre a visão para a construção de mundo que não é constituído por coisas fragmentadas, mas sim por inter-relações dos conteúdos.

O capítulo 9 “*Conversando com crianças sobre sexo*” nos parece “polêmico”. Discutir questões em relação à sexualidade em sala de aula, ainda hoje, mostra-se um tanto difícil para alguns profissionais. Celso Antunes afirma que para contornar tal situação o melhor a se fazer é agir com naturalidade e interatividade. Para o autor, o melhor, se faz por meio da conversa, possibilitar a compreensão de que sexo “*é algo que acontece também entre flores e bichos*”. (p.44)

“*Aprendendo com as perdas*”, capítulo 10, talvez seja o capítulo mais intenso do livro. Problematizando a inexistência do educar “*para a perda, a derrota, a frustração, a dor ou a morte*”, (p.47), o autor alerta sobre a existência de uma utopia no formato brasileiro de escola. Segundo Antunes, “*uma escola que se nega a discutir sobre tais assuntos é uma escola que se nega a preparar as crianças para a vida, que é feita não somente de conquistas, mas também de tristezas e insucessos*”. E, afinal, “*será que, por exemplo, ensinar a ela quem descobriu a América é mais importante?*” (p.49).

No capítulo 11 “*Como transformar a aprendizagem mecânica em aprendizagem significativa?*”, está reforçada a ideia de que o conhecimento não é fragmentado, muito menos pronto e acabado, pois, nos revela caminhos de como transformar o conhecimento mecânico em um aprendizado significativo, problematizando o ensino “*aprender a somar e significativo, mas memorização de teoremas é ato cognitivo mecânico*”, (p.52). Corroborando tal pensamento, o autor discute que uma aprendizagem significativa ultrapassa as avaliações feitas para a aprovação, mas é o que “*fica enraizado*” em sua vida e sempre que precisar poderá “*utilizar daquela ferramenta ou daquele conhecimento*”.

Assim, nos é revelado que um bom professor é capaz de transformar a aprendizagem mecânica em saberes significativos, mas que, para isso, o professor carece de desenvolver competências de argumentar, visão sistêmica, o envolvimento com a realidade e visão crítica.

No capítulo final, “*Quem é*”, “*emociona qualquer um que o leia*”. O autor retrata as dificuldades enfrentadas por professores por meio de retóricas como

“*Quem é esse estranho malabarista que necessita se equilibrar entre conteúdos e competências, limitando excessos, favorecendo autonomia, acordando inteligências, provocando pensamentos?*”, [...] “*quem é esse teimoso otimista que confia no aluno, que acredita no amanhã, que espera sempre pelo sonho?*” Esse herói, malabarista, palhaço, artista,

matemático, poeta ele é todas as profissões em apenas uma.  
(ANTUNES, p. 111-112)

Diário de um Educador é um livro, em especial para profissionais que atuam ou pretendem atuar na área educacional. Com uma linguagem fácil e sem preâmbulos, o livro conquista pelas reflexões trazidas e pelo contexto em que veio a público – num tempo em que a educação mais do que nunca precisa ser repensada. O autor, brincando com as palavras, burla-se do silêncio praticado pelas escolas e provoca até mesmo o flexionar involuntário das nossas mentes. A leitura desse livro traz à tona um modo de pensar que talvez seja novidade ao leitor: o pensar reflexivo.

**Palavras-chave:** Educação. Leitura. Professor.

### **Referências**

ANTUNES, Celso. **Diário de um educador**. Temas e questões atuais. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

LUCANO, Paulo. **Aristóteles e o justo meio**. Disponível em:  
<<https://oficinadefilosofia.com/2013/11/17/a-etica-aristotelica-2>.> Acesso em: 11 set. 2017.